

O Papel da Juventude no Ativismo Climático: análise de um perfil no Instagram¹

Marcos Vinícius de Castro Lourenço Caldeira²

Cláudia Herte de Moraes³

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, RS

Resumo

O trabalho é de natureza qualitativa e com finalidade descritiva (SAMPAIO, 2022) e tem como objetivo explorar a compreensão sobre a contribuição do ativismo juvenil para a sustentabilidade, com foco na atuação de jovens militantes ambientais engajados nas redes sociais, a partir da análise do perfil da ativista paraibana Mikaelle Farias no Instagram. A pesquisa parte de uma revisão teórica sobre a crescente mobilização da juventude frente às mudanças climáticas e seus impactos sociais e ambientais (JÚNIOR e TEIXEIRA, 2021), destacando o papel do ativismo digital (RECUERO, 2014), para o reconhecimento da diversidade de saberes e territórios envolvidos nas lutas ambientais.

Palavras-chave: Pedagogia do Clima; Juventude; Ativismo Climático; Redes Sociais; Instagram.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o agravamento das mudanças climáticas exige não só ações de governos e instituições, mas também o engajamento ativo da sociedade. Nesse contexto, alguns membros da juventude brasileira tem se destacado como uma das forças mais engajadas na luta ambiental. Em vez de adotar uma postura passiva, esses jovens assumem um papel de liderança nas mobilizações por justiça climática, influenciando discursos, políticas e comportamentos com diversas formas de ativismo e resistência. Um estudo, organizado pela Ashoka, em parceria com a *Climate and Land Alliance* realizou uma abordagem qualitativa com 45 jovens ativistas a respeito da luta pela justiça climática na Amazônia. O estudo serve de guia, ao demonstrar como eles fazem para superar barreiras e adotar estratégias eficazes nessa luta (ASHOKA, 2021). O presente trabalho relata uma pesquisa de abordagem qualitativa com finalidade descritiva (SAMPAIO, 2022), buscando

¹ Trabalho apresentado no GT “Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente” evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Relações Públicas da UFSM-FW, Bolsista PET Educom Clima. E-mail: marcos.caldeira@acad.ufsm.br

³ Doutora em Comunicação. Professora na UFSM-FW, tutora PET Educom Clima. E-mail: claudia.moraes@ufsm.br

compreender de que forma o ativismo da juventude contribui para a sustentabilidade, questionando, com uma análise do perfil da jovem ativista paraibana Mikaelle Farias: Como jovens militantes ambientais engajados nas redes sociais podem fomentar esse debate?

ATIVISMO AMBIENTAL DA JUVENTUDE

Júnior e Teixeira (2021) analisam a articulação da juventude com a questão ambiental, especialmente nos contextos periféricos e do Sul Global. Segundo os autores, a juventude não apenas reconhece os riscos e as desigualdades associadas às mudanças climáticas, mas também a atuação política concreta. Essa mobilização se dá tanto em espaços institucionais, como conferências climáticas internacionais e conselhos de juventude, quanto em ações locais, coletivas e autônomas que combinam ativismo digital, ocupação do espaço público e pressão sobre os tomadores de decisão.

O envolvimento juvenil nas causas ambientais, portanto, não se limita a uma adesão discursiva ou simbólica às agendas ecológicas. Ao contrário, trata-se de uma participação ativa, crítica e criativa, que questiona as estruturas de poder que sustentam o atual modelo de desenvolvimento baseado na exploração desenfreada dos recursos naturais e na exclusão de populações vulneráveis (SANDER e ROESLER, 2018).

Em suas múltiplas expressões — que vão desde o movimento global *Fridays for Future* até iniciativas comunitárias em bairros marginalizados — o ativismo ambiental juvenil representa uma ruptura com formas tradicionais de participação política e inaugura novas práticas de engajamento que combinam inovação, sensibilidade social e consciência planetária. (REIS, 2021). Entre outros exemplos, podemos citar a Amanda Costa (Perifa Sustentável) e a indígena Txai Suruí, que iniciaram suas mobilizações comunitárias muito jovens e hoje são destaque do ativismo ambiental. Amanda é uma jovem ativista, natural de São Paulo e é reconhecida como Jovem Embaixadora da ONU, Jovem Conselheira do Pacto Global, também da ONU e fundadora do projeto “Perifa Sustentável”, que surgiu em 2019. Txai Suruí, natural de Rondônia, é uma ativista ambiental, pertencente à etnia originária Suruí e reconhecida como coordenadora do “Movimento da Juventude Indígena”.

Ailton Krenak (2019) aponta para a importância de escutas plurais e da valorização dos saberes tradicionais, periféricos e indígenas no debate ambiental — saberes esses frequentemente mobilizados por jovens ativistas que resistem a partir de seus territórios. Nesse sentido, a atuação juvenil também se expressa por meio de práticas educativas e comunicativas que rompem com os modelos convencionais de transmissão de

conhecimento. Espaços como ocupações escolares, coletivos periféricos, redes de mídia independente e movimentos estudantis têm sido fundamentais para a circulação de informações ambientais acessíveis, críticas e descolonizadas. A educação ambiental praticada nesses contextos está longe de ser neutra ou técnica; ela é política, efetiva e transformadora, como sugere Paulo Freire (1996) ao defender uma pedagogia engajada com a realidade dos oprimidos. Jovens ativistas, ao se apropriarem dessas ferramentas, promovem o que se pode chamar de “pedagogias do clima”, que formam sujeitos conscientes, críticos e comprometidos com a mudança.

Outro elemento central na atuação ambiental da juventude é o uso estratégico das redes sociais digitais como ferramentas de mobilização, visibilidade e construção de narrativas críticas. Plataformas como Instagram, TikTok e Twitter têm se consolidado como espaços fundamentais para a denúncia de injustiças socioambientais, a organização de protestos e a elaboração de discursos alternativos àqueles difundidos pelos grandes meios de comunicação. Raquel Recuero (2014) destaca como as redes digitais possibilitam formas de ação coletiva em rede, caracterizadas por dinâmicas descentralizadas, colaborativas e marcadas pelo engajamento afetivo.

No campo ambiental, esse ativismo digital tem permitido que jovens de diferentes regiões e realidades se conectem em torno de pautas comuns, como justiça climática, preservação dos biomas e defesa dos territórios tradicionais. Essa conectividade amplia o alcance das mobilizações e fortalece identidades coletivas que atravessam fronteiras geográficas e culturais. Iniciativas como os perfis de coletivos indígenas, quilombolas e de juventudes periféricas nas redes sociais são exemplos de como esses espaços digitais têm sido apropriados para visibilizar lutas historicamente silenciadas.

No entanto, como aponta Recuero (2014), o ambiente das redes sociais também apresenta limitações importantes. A lógica algorítmica das plataformas favorece conteúdos rápidos e sensacionalistas, o que pode gerar um esvaziamento político das mensagens e dificultar a construção de ações sustentadas a longo prazo. Além disso, a exposição constante pode tornar os ativistas alvos de ataques virtuais, desinformação e campanhas de deslegitimação.

No âmbito da discussão realizada, podemos compreender de que forma a atuação de Mikaelle Farias, como uma jovem militante brasileira, colabora para o debate da sustentabilidade em seu perfil no Instagram. Nesse perfil, a ativista mostra seu dia a dia e divulga informações sobre mudanças climáticas, ações e projetos relevantes para a área.

Mikaelle é uma pesquisadora e ativista climática brasileira, atualmente estudante de Engenharia de Energias Renováveis na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sua trajetória acadêmica e ativista está intrinsecamente ligada às pautas de justiça ambiental, transição energética e inclusão de territórios historicamente vulnerabilizados nos debates sobre mudanças climáticas (O ECO, 2025). Iniciou sua atuação no ativismo ambiental em 2019, motivada pelo derramamento de petróleo que afetou centenas de praias no Nordeste brasileiro. Esse desastre ecológico teve impactos socioeconômicos significativos, afetando populações que dependem da pesca e da economia local. Sua inserção se consolidou a partir de iniciativas voltadas à conscientização pública e à denúncia da degradação ambiental (PARAÍBA CRIATIVA, 2024).

Entre suas principais frentes de atuação está a discussão sobre racismo ambiental, compreendido como a distribuição desigual dos impactos das mudanças climáticas e da degradação ambiental, prejudicando, sobretudo, comunidades marginalizadas. No contexto brasileiro, Mikaelle direciona seu trabalho para o semiárido nordestino, uma região particularmente afetada pela desertificação e pela escassez hídrica, desafios que evidenciam a urgência de políticas adaptativas e mitigadoras (UM SÓ PLANETA, 2021).

Na esfera digital, Mikaelle utiliza seu perfil no *Instagram* (@mikaelfarias_) ⁴ como uma ferramenta estratégica para mobilização e conscientização. Desde 2019, suas postagens abordam temas como justiça climática, transição energética e os desafios socioambientais. Por meio dessa plataforma, promove diálogos sobre desinformação climática e a necessidade de engajamento juvenil na defesa ambiental, como demonstramos no Quadro 1.

Quadro 1 - Principais temas tratados por Mikaelle Farias

Tema	Descrição
Racismo Ambiental	Discussão sobre como comunidades marginalizadas são afetadas de forma desproporcional pelas mudanças climáticas.
Transição Energética	Propostas para um modelo energético sustentável e acessível, com foco em energias renováveis.
COP30 e Conferências Climáticas	Reflexões sobre os debates internacionais e a participação da juventude na luta climática.
Desinformação Climática	Combate ao negacionismo e à manipulação de informações sobre mudanças climáticas.
Impactos Ambientais no Nordeste	Análises sobre desertificação, seca e aumento do nível do mar na região.

⁴ Perfil do Instagram: https://www.instagram.com/mikaelfarias_/. Acesso em: 07 Mai 2025.

Mobilização juvenil	Incentivo à participação de jovens em movimentos ambientais e sociais.
---------------------	--

Fonte: elaboração própria a partir do perfil público da ativista

As publicações de Mikaelle abordam temas centrais da agenda socioambiental contemporânea, como o racismo ambiental, evidenciando a desproporcional vulnerabilidade de populações marginalizadas diante dos desastres climáticos. Outro eixo temático relevante é a transição energética, com foco na substituição de combustíveis fósseis por fontes renováveis, como parte de um modelo sustentável. Sua atuação transcende o contexto nacional, alcançando espaços multilaterais, como as conferências climáticas internacionais, incluindo a COP30, onde jovens brasileiros reivindicam maior participação na formulação de políticas ambientais. Essa mobilização contribui diretamente para o enfrentamento da desinformação climática, ainda prevalente na sociedade.

No Brasil, os impactos ambientais no Nordeste, como a desertificação, a seca e a elevação do nível do mar, evidenciam a necessidade de ações específicas para mitigar vulnerabilidades regionais. O ativismo juvenil, especialmente no meio digital, constitui o núcleo do engajamento de Mikaelle, promovendo o protagonismo de novas gerações na luta coletiva por justiça climática e sustentabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de ser protagonista de importantes mobilizações sociais, a juventude tem se mostrado capaz de articular pautas ambientais a partir de uma perspectiva interseccional, que reconhece a inseparabilidade entre questões climáticas, desigualdades sociais, raciais, de gênero e territoriais. Esse olhar ampliado é fundamental para a construção de uma justiça climática que vá além da compensação de emissões ou da transição energética, e que enfrente as raízes estruturais da crise socioambiental.

Torna-se importante reconhecer que o ativismo ambiental não se dá sem resistência. Jovens ativistas frequentemente enfrentam criminalização, deslegitimação e violência institucional, sobretudo aqueles que atuam em contextos de vulnerabilidade social. Ainda assim, persistem na construção de alternativas sustentáveis e inclusivas, que desafiam a lógica neoliberal e antropocêntrica dominante.

Com a análise teórica e do perfil da jovem Mikaelle Farias, foi possível compreender que o principal papel da juventude no ativismo ambiental é sobre reconhecimento. Essa geração não é apenas herdeira de um planeta em crise, mas coautora

das soluções necessárias para sua regeneração. Suas vozes, práticas e propostas devem ser valorizadas e incorporadas em todas as esferas decisórias, se quisermos enfrentar a emergência climática com justiça, equidade e esperança. A força dessa juventude reside justamente na sua capacidade de sonhar e construir outros futuros possíveis — futuros que não apenas mitiguem os impactos da crise climática, mas que ressignificam as relações entre seres humanos e natureza.

REFERÊNCIAS

- ASHOKA. **Jovens Transformadores pelo Clima - Mapeamento Juve**. Disponível em: <https://www.ashoka.org/pt-br/JusticaClimaticaNaAmazonia>. Acesso em: 09 maio 2025.
- DIÁRIO DA PARAÍBA. **Conheça a paraibana que mandou carta para o presidente dos EUA**. Disponível em: <https://diariodapb.com.br/conheca-a-paraibana-que-mandou-carta-para-o-presidente-dos-eua/>. Acesso em: 08 maio 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. Disponível em: [Universidade Federal de Minas Gerais](https://www.ufmg.br/revistas/index.php/encitec/article/download/433/215/1363). Acesso em: 09 maio 2025.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: <https://cpdel.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/Ailton-Krenak-Ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo.pdf>. Acesso em: 09 maio 2025.
- FARIAS, Mikaelle. Autor no site ((o))eco. Disponível em: <https://oeco.org.br/author/mikaelle-farias/>. Acesso em: 09 maio 2025.
- PARAÍBA CRIATIVA. Mikaelle Farias - Ativista e militante. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/mikaelle-farias/>. Acesso em: 09 maio 2025.
- REIS, Pedro. **Cidadania ambiental e ativismo juvenil**. 2021. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/encitec/article/download/433/215/1363>. Acesso em: 09 maio 2025.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Recuero/publication/259328435_Redes_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf. Acesso em: 07 maio 2025.
- SAMPAIO, Tuane Bazanella. **Metodologia da pesquisa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2022. Apostila. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26138/MD_Metodologia_da_Pesquisa.pdf?sequence=1&isAllowed=y.
- SANDER, Cristiane; ROESLER, Marli Renate von Borstel. **Juventude e mundos-da-vida: a luta por direitos à participação, à sustentabilidade e ao meio ambiente**. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 45, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/53999>. Acesso em: 06 maio 2025.
- SILVA JÚNIOR, Marcos Aurélio Freire da; TEIXEIRA, Rylanneive Leonardo Pontes. **Juventude e mudanças climáticas: trajetórias e narrativas das mobilizações no Brasil**. *Revista Inter-Legere*, v. 4, n. 32, p. c26192, 2021.
- UM SÓ PLANETA. **Juntos por um só planeta: ativista paraibana Mikaelle Farias leva voz do Nordeste para a COP26**. Disponível em: <https://umsoplaneta.globo.com/sociedade/noticia/2021/11/08/juntos-por-um-so-planeta-ativista-paraibana-mikaelle-farias-leva-voz-do-nordeste-para-a-cop26.ghtml>. Acesso em: 09 maio 2025.